

# O TRABALHO DOS ARTESÃOS E CAMPONESES NA SOCIEDADE CAPITALISTA\*

*KARL MARX*

Qual é, então, a situação dos artesãos ou camponeses independentes que não empregam trabalhadores e que, portanto, não produzem como capitalistas? Pode ocorrer, como sempre ocorre no caso dos camponeses <ainda que não, por exemplo, no caso do hortelão que trabalha em minha horta>, que sejam *produtores de mercadorias* e que lhes compre a *mercadoria*, sem que a coisa mude, suponhamos, pelo fato de que o artesão a produza por encomenda ou que o camponês efetive sua oferta segundo as suas possibilidades. Nesta relação, enfrentam a mim como vendedores de mercadorias e não como vendedores de trabalho, sem que esta relação tenha, pois, nada a ver com a troca de capital por trabalho nem tampouco, por conseguinte, com a diferença entre *trabalho produtivo e improdutivo*, já que esta se baseia somente [no fato de] que o trabalho se troque por dinheiro enquanto tal ou por dinheiro enquanto capital. Não entram, com efeito, nem na categoria de *trabalhadores produtivos* nem na de *trabalhadores improdutos*, apesar de tratar-se de produtores de mercadorias. O que acontece é que sua produção não entra no marco do modo capitalista de produção.

E possível que esses produtores, que trabalham com seus próprios meios de

produção, não se limitem a reproduzir sua força de trabalho, senão em que criam, ademais, uma mais-valia, na medida em que sua situação lhes permite apropriar-se de seu sobretrabalho ou de parte dele (visto que outra parte lhes é subtraída na forma de impostos, etc). E aqui nos deparamos com um traço peculiar característico de uma sociedade na qual predomina um determinado modo de produção, não obstante o fato de nem todas as relações se acharem submetidas a ele. Na sociedade feudal, por exemplo, que podemos melhor observar na Inglaterra do que em outro país, uma vez que o sistema feudal foi importado pelos ingleses, com todos seus traços, desde a Normandia, e sua forma de implantar-se sobre uma base social diferente em muitos aspectos, adquirem também uma expressão feudal relações que estavam muito distantes da natureza do feudalismo; por exemplo, as meras relações monetárias, nas quais não existiam, de maneira nenhuma, mútuos serviços pessoais entre soberano e vassalo. Por exemplo, a ficção de que o pequeno camponês recebeu sua terra em feudo [do senhor].

A mesma coisa sucede no modo de produção capitalista. O camponês ou artesão independente desdobra-se em duas pessoas<sup>2</sup> Enquanto possuidor dos meios de produção é

\* Extraído de MARX, K. - *Teorias sobre a plusvalia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1980. t 1, p. 377-80. Cotejada com a edição da Editorial Cartago: Buenos Aires, 1974. Tradução de José Flávio Bertero e Ana Maria de O Rosa e Silva.

capitalista e, enquanto trabalhador, é assalariado dele mesmo. Em consequência, como capitalista, paga a si próprio seu salário e extrai um lucro de seu capital; isso quer dizer que se expropria a si mesmo como trabalhador assalariado e que paga, com a mais-valia, o tributo que o trabalho deve ao capital. E talvez se pague, ainda, uma terceira parte como proprietário de terra (renda do solo) da mesma maneira, conforme veremos mais adiante, que o capitalista industrial, quando trabalha com seu próprio //1329/ capital, paga a si mesmo lucro, e o considera como algo que se deve não enquanto capitalista industrial, senão enquanto capitalista, pura e simplesmente.

O *caráter social* dos meios de produção capitalista - que os faz expressar uma determinada *relação de produção* - acha-se tão intimamente unido à existência material destes meios de produção enquanto meios de produção e é algo inseparável deles, no modo de representar as coisas próprio da sociedade burguesa, que aquela determinação (determinação categórica) se aplica inclusive onde está em contradição direta com a relação [de que se trata]. Os meios de produção convertem-se em capital tão somente quando se separam do trabalhador e se substantivam como uma potência social frente ao trabalho. Contudo, no caso que nos ocupa, o produtor - trabalhador - é o possuidor, o dono de seus meios-de-produção. Estes não são, portanto, capital, assim como o produtor não é, neste caso, trabalhador assalariado. Não obstante, se os considera capital, ele mesmo, produtor, [fica] dividido em dois, de maneira que, enquanto capitalista, emprega a si próprio como trabalhador assalariado.

Na verdade, essa forma de representar a coisa, por irracional que possa parecer a primeira vista é, no entanto, correta até certo ponto: é certo que o produtor, no caso que estamos nos reportando, cria sua própria mais-valia <partindo do suposto de que vende sua mercadoria por seu valor> ou, em outras palavras, de que o produto se limita a materializar na sua totalidade seu próprio trabalho. Todavia, o fato de que possa se apropriar [para si] de todo o produto de seu trabalho, e que o excedente do valor de seu produto acima do preço médio, por exemplo, não se o aproprie uma terceira pessoa, um senhor, é devido não ao seu trabalho - que não se distingue em nada do de outros trabalhadores - mas a sua propriedade destes meios-de-produção, que lhe permite se apropriar de seu próprio sobretrabalho, o que faz com que se comporte como seu próprio capitalista ante si mesmo, enquanto trabalhador assalariado.

O *desdobramento* (ou *separação*) revela-se como uma relação normal nesta sociedade. Mesmo onde se efetua realmente dá-se por suposto e, conforme acabamos de ver, até agora o supomos corretamente. Pois, (como distinto, por exemplo, do que ocorria na antiga Roma ou da situação [existente] na Noruega ou no nordeste dos Estados Unidos) nesta sociedade a *unidade* aparece como acidental e a *separação* (ou *desdobramento*) como normal. Em consequência, esta *separação* (ou *desdobramento*) se mantém como a relação [vigente], inclusive quando as diferentes funções se resumem na mesma pessoa. Põe-se aqui de manifesto, de modo muito claro, que o capitalista enquanto tal não é mais que uma função do capital e o trabalhador uma função da força de trabalho. Ambos se encontram sob a régência da lei de

que o desenvolvimento econômico distribui as funções entre diferentes pessoas. O artesão e o camponês que produz com seus próprios meios-de-produção <o que pode suceder no primeiro caso, ainda que continue sendo proprietário nominal de tais meios, como ocorre com as hipotecas> convertendo-se em assalariados. Esta é a tendência na sociedade em que predomina o modo de produção capitalista.

[g] Observação complementar sobre o trabalho produtivo como trabalho realizado em riqueza material.

Ao se considerar as relações essenciais [próprias] da produção capitalista <posto que assim sucede, aproximadamente, cada vez mais [e posto que] esta é a meta de princípio e somente neste caso podem as forças produtivas do trabalho se desenvolver ao máximo, podemos partir do suposto de que o mundo inteiro das mercadorias, todas as esferas da produção material - da produção da riqueza material - se encontram submetidas (formalmente ou de uma maneira real) ao modo de produção capitalista. Sob esta premissa, que expressa o limite [do processo], e que, portanto, se aproxima mais e mais de uma representação exata da realidade - todos os trabalhadores dedicados à produção de mercadorias são assalariados, aos quais os meios de produção enfrentam, em todas essas esferas, como capital. Podemos dizer, então, que é uma característica dos *trabalhadores produtivos*, isto é, dos trabalhadores que produzem capital, [o fato de] que seu trabalho se realiza em *mercadorias*, [em] riqueza material. Por cuja razão, o *trabalho produtivo* assume uma segunda característica, a assessoria é

diferente da sua característica decisiva, a de ser indiferente ao *conteúdo do trabalho* e independente dele.

<sup>1</sup> Conforme a edição da Editorial Cartago deste último trecho "(... jardineiro a quem faço vir à minha casa, p. 344.).

<sup>2</sup> "Nas pequenas empresas [...] o empregador é amiúde seu próprio trabalhador" (Storch, t.I., Ed. San Petersburgo, p. 242)

<sup>3</sup> Veja-se O *Capital*, v.3 (345)